

O CABELO NEGRO É VISTO COMO CABELO MALUCO: O QUE O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM A VER COM ISSO?

Denilson Costa Soares ¹

Simony Ricci Coelho ²

Rodolfo Gomes de Araújo ³

Andrea Luíza Costa Ferreira ⁴

Ana Clara da Silva Gomes ⁵

RESUMO

Uma das novas tendências nas redes sociais é o uso do “cabelo maluco”. Tal modismo está ocorrendo nos contextos escolares. Isso tem refletido de forma negativa quando se trata do cabelo negro, pois há casos de alunos que se vestem com cabelo black e dizem que estão fantasiados de cabelo maluco, ocorrendo práticas de bullying e racismo. Mediante tal fato, que surgiu este artigo a partir de discussões ocorridas com alunos do Curso de graduação de Educação Física integrantes do Projeto de Iniciação Científica de uma Universidade da Baixada Fluminense-RJ. O objetivo escolhido pelo grupo foi de colaborar com a ressignificação da identidade do negro, a partir de buscas de práticas corporais culturais elencadas em trabalhos científicos na área da educação física escolar (2019- 2023), já que nesta área de conhecimento existe a obrigatoriedade de abordar a corporeidade negra por reconhecer a relevância do aprender com o corpo inteiro. O método utilizado foi da pesquisa quantitativa e qualitativa (CRESWELL,2006), de natureza exploratória, analisando nesses artigos a ausência ou presença de práticas corporais culturais sobre o cabelo negro. Após dados coletados obteve como resultados: 53 artigos publicados que abordam acerca do cabelo negro, dentre eles encontrou-se nos artigos: 11 que abordam o cabelo negro, mas não refere a temática educacional, 42 sobre o cabelo na área da Educação, sendo que desses 42 somente 8 retratam acerca da temática na área da Educação Física. Assim, nesta pesquisa verificou que ainda está muito embrionária a abordagem do cabelo negro nas práticas escolares da Educação Física Escolar, desencadeando assim uma cultura negra negada e silenciada, Para tanto, é mister fomentar práticas cotidianas e de pesquisas na finalidade de contribuir com ações que quebrem o estereótipo da beleza universal da estética capilar.

Palavras-chave: Cabelo Negro; Legislação; Educação Física; Práticas Corporais Culturais.

INTRODUÇÃO

O modismo atual nas redes sociais é denominado por “cabelo maluco”, que está inserido diretamente nos contextos escolares. Os profissionais da educação mesmo com todo avanço da Ciência, em suas mudanças e inovações, deve ter o cuidado quando apropriar-se em suas práticas educativas com certos “modismo”.

¹ Mestre-Universidade Veiga de Almeida_ Universidade Iguazu - RJ, denilsondmx@gmail.com

² Doutora- UNIGRANRIO- Universidade Iguazu-RJ, simonyrcoelho@gmail.com

³ Mestre- UNICARIOCA_ Universidade Iguazu-RJ, professorodolfo@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Iguazu- RJ, andreaferreira123452@gmail.com

⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Iguazu -RJ, anaclaragomes182002@gmail.com

Perante a isso, que como resposta a pergunta inicial deste artigo: dizemos que o curso de Educação física escolar tem tudo a ver com essa questão, já que o profissional desta área de conhecimento tem que desenvolver habilidades em suas práticas corporais culturais para trabalhar com o princípio estético, por meio das manifestações culturais e sobretudo o corpo.

Assim, que a proposição deste artigo justifica-se pela necessidade de corroborar com a esfera educacional em relação as práticas educativas antirracistas da Educação Física Escolar que contemplem os aspectos estéticos- especificamente do cabelo crespo, já que ainda hoje, geralmente, no contexto escolar as pessoas com cabelos crespos, são vítimas de apelidos depreciativos, ocasionando conflitos que fere a autoestima do aluno, ocorrendo até a sua desistência no estudo.

Desta forma, o objetivo deste artigo é colaborar com a ressignificação da identidade do negro, referente a questão da estética capilar, a partir das práticas corporais culturais elencadas nos trabalhos científicos na área da educação física escolar.

Para essas discussões teóricas pensou-se na perspectiva curricular A Resolução CNE/CP Nº 02- 2017, que institui a Base Nacional Comum Curricular- BNCC, que garante a aprendizagem significativa ao longo da vida, sendo que no componente curricular de Educação Física, indica competências e habilidades de práticas corporais culturais necessárias ao educando.

Numa perspectiva curricular tem-se a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) - fruto de lutas históricas do Movimento Negro do Brasil pela democracia racial e combate ao racismo - indica a obrigatoriedade de se aplicar conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira na Educação Básica. Entretanto, apesar de sua promulgação, ainda existem conflitos sociais na escola quando os profissionais negam ou silenciam o trabalho com essas questões.

Além das legislações que advogam a favor desta temática, destacou-se neste estudo Nilma Gomes (2002, p. 40) , a qual considera que “a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”. Ela aponta que precisam ser compreendidas nas escolas as muitas nuances que tratam da questão racial e destaca a forma simbólica - em suas

representações e valores - pela qual é constituída a identidade do negro dentro e fora do ambiente escolar.

A metodologia utilizada será pela abordagem de pesquisa em natureza qualitativa (CRESWELL,2006). A investigação inicialmente se dará por meio de revisão da literatura, e os dados coletados serão interpretados, após serem organizados, tendo por base a técnica de Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011), que divide esse processo em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Nesta pesquisa, após a investigação de 53 artigos resultou-se que somente 8 artigos mencionaram e abordaram práticas educativas antirracistas sobre o cabelo na área da Educação Física escolar e mesmo assim de forma muito simplória, perpetuando assim a negação e o silêncio existentes em pesquisas acadêmicas que desembocam em ações nas Instituições de ensino, em que criança negra não deixará de ser alvo das piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar

METODOLOGIA

A abordagem de pesquisa adotada é de natureza qualitativa (CRESWELL,2006). A investigação inicialmente se dará por meio de revisão da literatura, a partir da seguinte indagação: Existe práticas corporais culturais que desenvolvem trabalhos que possibilitam o rompimento do estereótipo da estética capilar do negro?

Os instrumentos de análise da pesquisa correspondem aos seguintes critérios estabelecidos: (i) artigos publicados, no período de 2019 a 2023; (ii) busca de periódicos de universidades públicas especializados da área de Educação-Educação Física Escolar; (iii) trabalhos acadêmicos que tratam de práticas corporais culturais sobre o cabelo negro.

Assim, a proposição deste projeto é de buscarmos debates e reflexões sobre o corpo, especificamente o cabelo negro, já que o entendimento de corpo para os diversos povos afros possui diferenças entre si e entre o sistema eurocêntrico vigente, sendo pertinente entender sobre a importância de se estudar como o estereótipo do cabelo negro, numa perspectiva da beleza eurocêntrica tem sido interpretado e trabalhado na Educação Física frente as questões étnico-raciais produzidas/publicadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Resolução CNE/CP Nº 02- 2017, que institui a Base Nacional Comum Curricular- BNCC, que é um documento que garante a aprendizagem significativa do estudante ao longo da vida. Destaca-se nesta Lei a Educação Física (BNCC), é um componente curricular que pode trabalhar com seus estudantes atividades/ações que rompem com o estereótipo beleza universal, sobretudo a especificidade entre cabelo bom e cabelo ruim, a partir dos princípios estéticos corporais em suas manifestações culturais, que são previstos.

A partir da homologação da Lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade de trabalhar no currículo o respeito, o conhecimento e a valorização do negro em nosso país, houve reformulações em várias outras, inclusive na área da Educação que, em 2004, foi editado pelo Conselho Nacional de Educação as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana - CNE/CP 03/2004 (BRASIL, 2004a), que passam a regulamentar a obrigatoriedade de se trabalhar essa temática na Educação Básica.

Nessa perspectiva, quando pensamos a escola como um espaço específico de formação, inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, normas, projetos, provas, testes e conteúdos. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade (GOMES,2003).

Esta autora ainda considera que: “a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” (2003, p.43). Nilma aponta que precisam ser compreendidas nas escolas as muitas nuances que tratam da questão racial e destaca a forma simbólica - em suas representações e valores - pela qual é constituída a identidade do negro dentro e fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, Gomes (2003a) interroga se a escola historicamente produziu práticas pedagógicas de valorização da expressividade do corpo negro, pois reconhece que “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente,

ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (p. 171).

Assim, na “escola também se encontra a exigência de ‘arrumar o cabelo’ [...]. O cuidado dessas mães não consegue evitar que, mesmo apresentando-se bem penteada” a criança negra não deixe de ser alvo das piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar (GOMES, 2002, p.43).

Por isso, Gomes (2002) afirma que essa questão do corpo e do cabelo deve ser (re) pensada a partir de práticas que irão para além do contexto escolar. Além disso, muitas vezes, temas relativos à identidade/alteridade podem implicar uma tensão no contato família/escola. Desta forma, fora do universo familiar, quanto mais à criança tem contato com contextos sociais mais amplos, mais pode haver conflitos entre a vivência privada (familiar) e a vivência pública.

No campo da educação, além do significado social mais amplo de questões referentes à estética e à aparência física, “existem variações de acordo com a cultura, classe, raça, [...] contexto histórico e político. Cortar o cabelo, alisá-lo, raspá-lo, mudá-lo pode significar [...] como as pessoas se veem e são vistas pelo outro; o cabelo compõe um estilo político, de moda e de vida” (GOMES, 2002, p.46).

Nesse sentido destaca-se a concepção da Colonialidade do Ser, uma vez que a corporeidade negra é colocada em categorias preferenciais de desumanização, sendo reconhecido como um ser inferior (MALDONADO-TORRES, 2007). Com isso, o negro é despersonalizado e persegue o embranquecimento estético e cultural, já que negar a sua própria identidade é a única solução. Embranquecer-se faz parte do processo de inserção na sociedade. Assim, quanto mais branco, mais próximo da cultura universal. (FANON, 2008)

Embasado nisso, percebe-se que a corporeidade negra é profundamente aportada e necessária na interação dos sujeitos negros com seu corpo e cabelo como formas de valorizar a identidade negra. são estudos que nos remetem ao paradoxo entre a construção e desconstrução das concepções de si para que se possa atingir a conscientização em torno das representações da corporeidade negra e das relações étnico-raciais (AQUINO,2020)

Para mais, nota-se a partir das declarações destes autores que o componente curricular que mais trata sobre a corporeidade negra e reconhece a relevância de se

aprender com o corpo inteiro é a Educação Física, o que demanda expandir para todas as áreas do conhecimento escolar a concepção de formação do(a) aluno(a) em sua integridade (AQUINO, 2020).

Assim, acreditamos que os professores da Educação Física Escolar têm como contribuir para o desenvolvimento dessas questões, visto que as suas práticas educativas atenderão diretamente aos processos desencadeados nas escolas da Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados serão interpretados, após serem organizados, tendo por base a técnica de Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011), que divide esse processo em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A autora define esses três momentos como sendo, respectivamente, uma fase de organização propriamente dita, uma aplicação sistemática das decisões tomadas e, por fim, o tratamento do material de forma que fique “falante” e válido. A AC “se constitui de várias técnicas onde busca-se descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos.

Na pesquisa qualitativa, a análise de conteúdo, na técnica, detém algumas características. Dentre elas, está a aparência de ser um método mais simples de estruturar os dados coletados. A intenção da AC “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção inferência essa que recorre a indicadores -quantitativos ou não”.

Quadro 1 – Etapas da AC

Fases da Análise de Conteúdo		
Pré-análise	Leitura pré-analítica dos resumos sobre cabelo negro em revistas científicas entre 2019-2023.	<i>Cópus</i> com 53 artigos
Exploração do material	Leitura dos artigos que abordam a temática na Educação Física Escolar.	Categorias de análise- 8 artigos encontrados
Tratamento dos resultados	Inferências e interpretações dos artigos que abordam sobre o cabelo negro nas práticas da Educação Física	Análise

Fonte: Própria autora.

Após dados coletados em revistas oriundas de Universidades Públicas obtivemos como resultados: 53 artigos publicados que abordam acerca do cabelo negro, dentre eles encontrou-se nos artigos: 11 que abordam o cabelo negro, mas não refere à temática educacional, 42 sobre o cabelo na área da Educação, sendo que desses 42 somente 08 retratam esta temática na Educação Física. É relevante destacar também, que as pesquisas encontradas na área da Educação Física houve um declínio de 2019 a 2023, uma vez que em 2023 só encontrou uma única publicação.

Dentre os 08 artigos que abordam sobre o cabelo negro, mesmo assim é algo que trata a questão ainda de forma mais generalizada que específica a cultura capilar, assim é relevante evitar atividades escolares como “cabelo maluco” que possam inferiorizar o cabelo crespo produzindo situações de rejeição ao próprio cabelo, algo que afeta crianças, adolescentes e até adultos. Diante disso reiteramos a necessidade do compromisso de cumprir as normativas relacionadas ao trabalho com a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Assim, a partir desses resultados percebe a relevância de fomento de pesquisas nesta temática na área da Educação Física escolar, uma vez que a leitura de artigos que contemplam e socializam práticas educativas antirracistas sobre o cabelo crespo e sobretudo, apresentam-se como um espaço de promoção de diálogos e reflexões com a sua comunidade, na qualidade de repensar uma forma de reparar socialmente algumas ações discriminatórias, que violam a identidade e a cultura deste grupo colocado à margem da sociedade.

A falta de pesquisas nesta temática corrobora para o efeito que silencia, de forma velada, os conflitos sociais ocorridos no âmbito educacional, prevalecendo a cultura europeia em caráter universal, por isso a relevância social desta pesquisa que cada dia emerge mais a intencionalidade para verificarmos se as ações de práticas educativas para as Relações Étnico-Raciais avançaram ou ainda silenciadas.

Outrossim, a ausência de proposição de estudos potencializa a manutenção no que diz respeito a esse padrão curricular universal, sem visibilidade para o respeito, o reconhecimento e a valorização pela diversidade identitária e cultural desses alunos nos bancos escolares, sendo seus cabelos vistos como “Cabelo Maluco”.

Assim, Gomes (2002, p.42) destaca que a escola é o primeiro espaço social em que a criança se insere, “em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos”. Sendo assim, estes níveis de ensino requerem muita atenção, já que a discriminação racial faz parte da realidade dos alunos desde a infância.

Em relação aos conflitos sociais, Gomes (2002, p.45) relata que estes embates:

podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola.

Pelo visto, ainda hoje, existem escolas, que utilizam padrões de currículo que se coadunam a um tipo de conhecimento, comportamento e de estética universais. Tais representações reforçam que, para ser aceito na escola, é necessário se estar fisicamente de acordo com padrões considerados socialmente aceitos, uniformizar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão não é inovar e sim refletir sobre todas as circunstâncias, que ocorre na Instituição de Ensino, dando destaque ao aluno. A inserção dessa atividade escolar, à qual os alunos devem ir à escola com cabelo maluco está sendo alvo de várias situações de conflitos sociais, pois ocorrem casos de alunos que vão às escolas com modelos atinentes ao cabelo black, dizendo que estão fantasiados de cabelo maluco e isso está repercutindo de forma negativa com alunos negros, os quais se sentem violados e discriminado perante tal situação.

Desta forma, a relevância de fomentar mais produção de artigos nesta temática, especificamente da identidade capilar, pois tais leituras e discussões irão fortalecer atuações menos universais nos contextos: escola e universidade; com um olhar de

advertência para o uso utilitarista do conhecimento pelos sujeitos que foram marginalizados pela ideologia da dominação do racismo.

Para tanto, nesta pesquisa verificou que ainda está muito embrionária a abordagem do cabelo negro nas práticas escolares da educação Física Escolar. Desta forma, é mister fomentar práticas cotidianas e de pesquisas na finalidade de contribuir com ações que quebrem o estereótipo da beleza universal da estética capilar. Assim, necessita-se que a temática do cabelo negro seja uma expressão da identidade e resistência, para que sua valorização seja a resposta de uma construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

AQUINO, M. E. S. P. **O corpo negro na escola: trilhas de uma educação do sentir para pensar as relações étnico-raciais**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Resolução CNE/CP Nº 2, 22 de dezembro de 2017** institui a Base Nacional da Educação, Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei nº 10. 639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Resolução CNE/CP nº 03/2004, de 10 de março de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004a.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. v. 29, n. 1, jan.-jun. 2003a. p. 167-182.

GOMES, N. L. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2002.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (Org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica, mas allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, cap. 7, p. 127-169, 2007.

RAIMUNDO, A. C. Terra, D.V. Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: A História de Sophia. **Revista Educação Física da UFRGS**.V. 27, jan/dez 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.108168>.

SILVA, Ramon Matheus dos Santos *at ali*. A atividade das/os professoras/es de educação física na educação infantil: prescrições, “usos de si” e relações étnico-raciais. **Revista: Educ.fís.cienc.** vol.24 no.4 Ensenada dic. 2022
DOI: <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.24215/23142561e242>.